14. A desolação de Cristo

Os pastores viram que a solidão de Jesus os esperava. Cristo precisa da nossa solidão para uni-la à Sua e fazer dela uma morada de comunhão, de amizade, de amor. Quando os pastores chegam, o Menino nem sequer está envolvido no colo de sua mãe. Está só, só na manjedoura, como um dia estará só na cruz, só no túmulo. Entra na minha solidão, faz dela toda Sua, torna-a toda nossa com Ele, a nossa partilha mais íntima, o templo santo do nosso encontro. Ele me consola e eu o consolo. Ele está comigo e eu estou com Ele. Ele é o meu Emanuel; eu me torno o Seu. O Deus-conosco é consolado pelo homem-com-Deus.

Mas este intercâmbio de solidões consoladas não é um círculo fechado. A solidão de Cristo é um abismo sem fundo. Jesus está só, só sem todos aqueles que ainda não estão com Ele. Ele está conosco; nós ainda não estamos todos com Ele. Ele tem sede de consolar e salvar a solidão de toda a humanidade. A consolação que nos dá cava então em nós um abismo de compaixão que nos remete, como os pastores, à toda solidão humana que espera sempre e em toda parte receber o mesmo anúncio: "Hoje [...] nasceu para vós um Salvador, que é o Cristo Senhor!" (Lc 2, 11).

A desolação é talvez a palavra que melhor resume o drama da condição humana. Diante das tantas tragédias de hoje, prevalece o sentimento de encontrar-se diante de algo desolado, de uma desolação sem palavras, sem definições, como quando se encontra uma dor inocente, o sofrimento inocente dos pequenos, dos indefesos.
Como é atual este sentimento em um momento da história que, como todos os tempos, nos recorda que cada fato histórico, como as guerras na Ucrânia e no Oriente Médio, tem dimensões ao mesmo tempo universais e particulares. A desolação é justamente aquele sentimento humano, ou aquele sentimento do humano, que abraça a dor do mundo na sua totalidade sem esquecer que esta totalidade é sempre um conjunto de pessoas singulares, de particulares relações familiares e de amizade.

É a desolação do próprio Jesus, capaz de chorar sobre Jerusalém e todo o seu povo como sobre um único amigo que jaz no sepulcro; capaz de sentir compaixão de toda uma multidão cansada e faminta como de uma única viúva que acompanha ao túmulo o corpo do seu único filho.

O servo de Deus Paolo Takashi Nagai, radiologista japonês sobrevivente da bomba atômica que caiu sobre Nagasaki e depois grande testemunha e profeta do significado daquela tragédia, descreve na sua autobiografia o seu impacto com a desolação total de Nagasaki e da sua família. Com efeito, reencontrou a sua esposa Midori reduzida a uma pilha de ossos calcinados e, ao lado dela, a corrente do seu rosário queimado que ela estava rezando quando caiu a bomba.

Uma cena dantesca, mas não infernal, porque Nagai atravessa a planura atômica onde tudo está reduzido a pó, com um coração no qual o amor e a fé, pela graça, prevalecem sobre o desespero.

Mas é justamente o sentimento e a experiência da desolação que dominam como dor e como pergunta, como mendicância. Até descobrir que também aquela desolação, Cristo já a tinha feito Sua, sofrendo e morrendo na Cruz.

A adequação do cristianismo à experiência humana universal, ao drama humano universal, está toda no fato de que Cristo abraçou toda a desolação humana, sofrendo-a na Cruz. A Cruz é o mistério da desolação do Filho de Deus que abraça toda a desolação, tanto inocente quanto culpada, da humanidade.

Um mistério este preparado por toda a história de Israel. Sobretudo os profetas falam da desolação do povo e de Jerusalém, uma desolação que é também um abandono por parte de Deus por causa da infidelidade do povo.
"Não sejais como vossos pais e vossos irmãos, infiéis ao Senhor, o Deus de seus pais, que por isso os abandonou à desolação, como vedes" (2Cr 30, 7).
"Assim disse o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Vós vistes toda a desgraça que fiz vir sobre Jerusalém e sobre todas as cidades de Judá: ei-las hoje uma desolação e sem habitantes!" (Jr 44, 2).

Mas é justamente esta desolação total que Cristo experimenta e faz sua na Cruz. No ápice da sua vida, Jesus está só, porque abandonado pelos homens e porque se sente abandonado pelo Pai. As relações com Ele são agora todas de insulto, de indiferença e de escárnio:
"Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: 'Ah! Tu, que destróis o Templo e em três dias o edificais, salva-Te a Ti mesmo, desce da cruz!' Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, caçoando d'Ele entre si e com os escribas, diziam: 'A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! O Messias, o Rei de Israel... que desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos!' E até os que haviam sido crucificados com Ele o ultrajavam.
À hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona. E, à hora nona, Jesus deu um grande grito, dizendo: *'Eloi, Eloi, lemá sabachtháni'* que, traduzido, significa: *'Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?'* Alguns dos presentes, ao ouvirem isso, disseram: 'Eis que Ele chama por Elias!' E um deles, correndo, encheu uma esponja de vinagre e, fixando-a numa vara, dava-lhe de beber, dizendo: 'Deixai! Vejamos se Elias vem descê-lo!' Jesus, então, dando um grande grito, expirou" (Mc 15, 29-37).

Contemplar Cristo à luz da desolação que assume é talvez o modo de melhor captar até que ponto ele entrou até o fundo da nossa humanidade e até que ponto nela permanece presente, verdadeiramente "Emanuel", verdadeiramente Deus-conosco no drama mais profundo da nossa vida que cada um de nós deve tocar, ainda que seja somente no momento da morte.